JORNADA DE LUTAS É PREPARADA EM TODO O PAÍS [pág 11]

GRÉCIA: A PONTA DO ICEBERG DA CRISE EUROPEIA

[págs 13 a 15]

AMY WINEHOUSE: O TALENTO OFUSCADO PELO LUTO

[pág 12]

PSTU

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR NÚMERO 428 ▸ DE 27 DE JULHO A 9 DE AGOSTO DE 2011 ▸ ANO 15

R$ 2

METADE é dos banqueiros

» O governo destina 49,15% de todo o orçamento do país para o pagamento das dívidas interna e externa...

... enquanto isso, serviços públicos amargam caos e esquecimento, por falta de verbas.

[págs 8 e 9]

NADA ESTRANHO 1 – O ex-presidente Lula foi o principal homenageado pela Fiesp (Federação dos Empresários de São Paulo) em um jantar promovido no último dia 17. Cerca de 200 pessoas compareceram.

NADA ESTRANHO 2 – Nada de se estranhar. Estranho seria se, por exemplo, se Lula recusasse, tal como fez Amanda Gurgel em relação ao prêmio do Pensamento Nacional de Bases Empresarias. Isso sim, seria muito, muito estranho.

#INDIGANADOS OCUPAM TWITTER

Após o programa de TV do PSTU, no último dia 22, o partido e a professora Amanda Gurgel (que ficou conhecida após a divulgação na internet, de um vídeo em que fala de seu salário a deputados do Rio Grande do Norte) foram parar no topo da lista de assuntos mais comentados no Brasil na rede de microblogs Twitter. No programa, Amanda convocou os internautas a participarem de um protesto contra os baixos salários, usando o termo "#indiganados" na rede. Mais de uma hora após a veiculação, a palavra estava na primeira posição dos Trending Topics brasileiros.

PÉROLA

"Supor que não haverá nenhum problema é (supor) uma coisa quase impossível"

PAULO BERNARDO, ministro das Comunicações, falando que sempre vai existir corrupção no Dnit.

AMÂNCIO

PRESENTE!

Morreu de hipertensão o ativista haitiano Gerar Murat, também conhecido como Dyab. Filho de um dos melhores e mais conhecidos músicos haitianos, Antalcidas Murat, deixou seus estudos de medicina para lutar contra a ditadura Duvalier. Com outros camaradas, fundou uma corrente, "Comitê Unidade Luta Unida" (KILI, em creole). Não contente em permanecer no exílio, entrou clandestinamente no Haiti para participar ativamente das lutas. Após a queda de Jean-Claude Duvalier, Dyab e outros companheiros criaram o Batay Ouvriye (Batalha Operária), movimento do qual foi um dos mais ardentes impulsionadores.

QUEM PAGA...

Não há o menor constrangimento por parte dos dirigentes da UNE chapa branca em assumir suas relações com o governo do PT. Daniel Iliescu, militante do PCdoB e novo presidente da UNE, tentando justificar os recursos recebidos pela UNE para a realização do congresso da entidade dizendo: "O governo sempre financiou outras entidades e a imprensa nunca criticou". Adivinha quem vai pagar o salário de Daniel?

CAMPO MINADO

Um protesto bem humorado e inteligente tomou conta de calçadas de Copacabana e se alastra pelas redes sociais (foto ao lado). Diante das explosões dos bueiros no Rio de Janeiro, um publicitário e um designer resolveram alertar as pessoas do perigo utilizando adesivos muito bem sacados. Além disso, o manifesto "Querem mais é que a gente se exploda" está fazendo sucesso na internet. Enquanto isso, os bueiros não páram de explodir no Rio.

CHORAI POR NÓS

O presidente do Corinthians, Andrés Sanchez, não resistiu e chorou durante a cerimônia em que o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab (PSD), sancionou a lei que concede isenção fiscal de até R$ 420 milhões ao clube para construir seu estádio, o "Fielzão". Ou seja, metade da obra (estimado em R$ 820 milhões) será bancada com dinheiro público. E a outra metade também! Será bancada pelo BNDES com juros de 6% em prestações a perder de vista.

Assassino de Gildo tem julgamento adiado

Já são 11 anos de impunidade. Novo julgamento ainda não tem data

PSTU-Brasília

Segundo a assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, o julgamento do policial que matou o gari Gildo Rocha em 2000 foi adiado pelo fato do réu alegar problemas de saúde. O julgamento seria no último dia 21, às 9 horas, e não tem nova data marcada.

Gildo Rocha foi barbaramente assassinado durante uma atividade sindical por dois policiais civis, um deles já falecido. O caso, de grande repercussão, chamou atenção na época pela arbitrariedade da ação, que inclusive contou com a prática de forjar provas falsas. Os policiais alegaram que Gildo estava armado e sob o efeito de drogas. Perícia comprovou que nenhuma das alegações era verdade.

Gildo era militante do PSTU e membro do Sindicato dos Servidores do Governo do Distrito Federal. Deixou mulher e dois filhos. Desconsolada, a viúva de Gildo, Gleicimar Souza, não acreditava em mais um adiamento do julgamento e na impunidade que já dura 11 anos. "Não tenho nem palavras para descrever o que estou sentindo agora. É muito revoltante", afirmou.

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO
Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Thiago Mahrenholz e Victor "Bud"

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

ASSINATURAS
(11) 5581-5776
assinaturas@pstu.org.br
pstu.org.br/assinaturas

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 Tel.: (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - R Dr. Rocha Cavalcante, 556. A Vergel - (82) 3032 5927. *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013. Centro (altos Bazar Brasil). Tel (96) 3224-3499. *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093. *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R. da Ajuda, 88, Sala 301. Centro. Tel (71) 3015-0010 *pstubahia@gmail.com. Blog: pstubahia.blogspot.com*
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910. Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710. Benfica. CEP 60015-340. Telefone: (85) 3044.0056. *fortaleza@pstu.org.br*

JUAZEIRO DO NORTE - Rua São Miguel, 45. São Miguel. Telefone: (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, Sala 215. Asa Sul. CEP 70.306-000. Fone/Fax: (61) 3226-1016 *brasilia@pstu.org.br. Blog: pstubrasilia.blogspot.com*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 237, nº 440, Qd. 106, Lt- 28, Casa 014, CEP 74605-160. Setor Universitário. Tel (62) 9146 - 8370. *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, Sala 10. Monte Castelo. Tel (98) 8812-6280/8888-6327. *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165. Jd. Leblon. CEP 78060-010. Tel (65) 9956-2942/9605-7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921. Vila Planalto. Tel (67) 3331-3075/9998-2916. *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - R. da Bahia, 504, sala 603 - Centro (31) 3201-0736. *bh@pstu.org.br. Site: minas.pstu.org.br*

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202. Eldorado. Tel (31) 2559-0724

JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 20, sala 301. Centro. *juizdefora@pstu.org.br*

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. Tel (34) 3312-5629. *uberaba@pstu.org.br*

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*

ALTOS - Duque de Caxias, 931. Altos. Telefone: (91) 3226.6825 (91) 8247.1287.

SÃO BRÁZ - R. 1º de Queluz, 134. São Braz. Telefone: (91) 3276-4432.

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Sérgio Guerra, 311, sala 1. Bancários. Tel (83) 241-2368. *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Av. Luiz Xavier, 68, sala 608. Centro. *curitiba@pstu.org.br*

MARINGÁ -Rua José Clemente, 748, Zona 07. CEP 87020-070. Tel (44) 9111 3259. *Blog: pstunoroeste.blogspot.com*

PERNAMBUCO

RECIFE - R. Santa Cruz, 173, 1º andar. Boa Vista. Tel (81) 3222-2549. *pernambuco@pstu.org.br. Site: www.pstupe.org.br.*

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. *teresina@pstu.org.br. Blog: pstupiaui.blogspot.com*

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180. Lapa. *Tel (21) 2232-9458. riodejaneiro@pstu.org.br. Site: rio.pstu.org.br*

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404. Centro. *d.caxias@pstu.org.br*

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308. Centro. *niteroi@pstu.org.br*

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766 - Fundos. Centro. CEP 27916-000. Macaé (RJ). Telefone: (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62. Cordueira. Telefone: (22) 2533-3522

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546. Centro

VALENÇA - R. 2, 153 - BNH. João Bonito. CEP: 27600-000. Telefone: (24) 2452 4530. *sulfluminense@pstu.org.br*

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43 - Sala 202. Aterrado. CEP 27.215-090. Telefone: (24) 3112.0229. *sulfluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - R. Apodi, 250. Cidade Alta. Telefone: (84) 3201 1558. *natal@pstu.org.br. Blog: psturn.blogspot.com*

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243. Porto Alegre. Tel (51) 3024.3486/3024.3409. *portoalegre@pstu.org.br. Blog: pstugaucho.blogspot.com*

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105. Morada do Vale I. Tel (51) 9864 5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432 sala 20. Galeria Dom Guilherm. Tel (54) 9993 7180

SANTA CRUZ DO SUL - Tel (51) 9807 1722

SANTA MARIA - Tel (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77. Centro. Tel (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Imigrante Meller, nº 487. Pinheirinho. Tel (48) 3462-8829/9128 4579. CEP: 88805-085 *pstu_criciuma@yahoo.com.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248. São Bento. Tel (11) 3313-5604

ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18. São Miguel. Tel (11) 7452-2578

ZONA SUL - R. Amaro André, 87. Santo Amaro. CEP 04753-010. Tel (11) 6792-2293.

ZONA OESTE - R. Belckior Carneiro, 20. Próximo à estação Lapa da CPTM. CEP 05068-050. Tel (11) 7071-9103.

BAURU - R. Antonio Alves, 6-62. Centro. CEP 17010-170. *bauru@pstu.org.br*

CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786
Tel (19) 3201-5672. *campinas@pstu.org.br*

FRANCO DA ROCHA - Av. 7 de Setembro, 667. Vila Martinho. *educosta16@itelefonica.com.br*

GUARULHOS - R. Harry Simonsen, 134 - Fundos. Centro. Telefone: (11) 2382-4666. *guarulhos@pstu.org.br*

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213. Centro. Tel (11) 9987-2530.

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, Sala 05. Jardim Caiçara. Tel (18) 3221-2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614. Campos Eliseos. Tel (16) 3637-7242. *ribeirao@pstu.org.br*

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58. Centro. Telefone: (11) 4339-7186. *saobernardo@pstu.org.br Blog: pstuabc.blogspot.com*

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63 - Piso 1. Jd. Bela Vista. Tel (12) 3941-2845. *sjc@pstu.org.br*

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917 - sobreloja. Pq. Pirajuçara. Telefone: (11) 4149-5631

JACAREÍ - R. Luiz Simon, 386. Centro. Tel (12) 3953.6122

SUZANO - Tel (11) 4743-1365. *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b. Conjunto Orlando Dantas. Telefone: (79) 3251-3530. *aracaju@pstu.org.br*

Quem fica com a metade do bolo?

Você. trabalhador. conhece a saúde e a educação públicas no país. Certamente já ficou indignado em um hospital ou escola pública.

Sabe que os hospitais estão lotados e que o atendimento é ruim. Deve ter alguém na família que não conseguiu ser atendido, com consequências sérias. Também conhece algum trabalhador da saúde e sabe que eles ganham pouco e trabalham muito.

Com toda certeza sabe da situação das escolas públicas. Você mesmo sofreu, assim como seus filhos, hoje, com a qualidade ruim do ensino público. As escolas de seu bairro seguramente têm problemas com a conservação e com a segurança. Você vê os professores fazendo greve querendo salários melhores.

É justa sua indignação com a situação da educação e da saúde públicas. É claro que falta dinheiro para a manutenção e ampliação dos hospitais e escolas, assim como para aumentar os salários dos profissionais de educação e saúde.

É bem provável que apóie Dilma, como a maioria dos trabalhadores do país. E acha que ela não tem nada a ver com isso, ou que ainda não teve tempo para mudar a situação.

Mas ninguém disse a você que, com o orçamento aprovado por Dilma para seu governo em 2011, a situação dos serviços públicos vai piorar. O primeiro orçamento de Dilma separa 49,5% de tudo o que é arrecadado no país, entre impostos e taxas, para os banqueiros. Enquanto isso, apenas 2,92% vai para a Educação e 3,53%, para a Saúde. Ou seja, quem vai ficar com a metade do bolo são banqueiros.

Isso nunca aconteceu. É como se você tivesse entregando metade de todo seu imposto de renda e das taxas sobre os produtos que você compra para os bancos. É por isso que falta dinheiro para a saúde e a educação.

Tudo isso deve ser uma grande surpresa. Afinal, Lula disse que "pagou a dívida" e que não devíamos mais nada. Mas isso, infelizmente, não é verdade, e, agora, o governo tem de esconder que a dívida está maior do que nunca, e, para pagá-la, tem de gastar metade do orçamento com os agiotas da dívida.

> Os defensores dos banqueiros dizem que não se pode dar um calote na dívida. Mas defendem o que está sendo feito hoje, que é um calote social.

Na verdade o que o governo Lula fez foi aumentar as reservas internacionais em dólares, em um volume semelhante ao da dívida externa. Ou seja, as reservas do país seriam suficientes para pagar a dívida. Mas a dívida continua aí. Não foi paga, como dizem. A dívida externa continua altíssima e, pior, agora existe uma dívida interna ainda maior.

Os trabalhadores são sérios com suas contas. Quando você compra uma geladeira, um televisor, paga suas prestações. Os defensores do governo fazem essa comparação para defender que se continue pagando a dívida do país com os banqueiros. No entanto, existem duas grandes diferenças.

A primeira é que não existe uma "geladeira", ou "televisor". Não foram os trabalhadores que fizeram essa dívida, e ela não beneficiou em nada os trabalhadores. Ao contrário, nem você e nenhum trabalhador sequer sabe da existência dessa dívida, apesar de termos de pagar por ela todos os dias.

A segunda diferença é que essa é uma típica dívida de agiota, daquelas que quanto mais se paga, mais se deve. A dívida externa era de 148 bilhões de dólares no início do governo FHC. Em seus dois governos, FHC pagou U$ 348 bilhões, ou seja, mais que duas vezes seu valor total. Mas a dívida externa aumentou para US$ 236 bilhões, ao final do governo FHC. Hoje, está em de dólares 284 bilhões de dólares.

Em relação à dívida interna é a mesma coisa: era de R$ 670 bilhões no começo do governo Lula. Em seus dois governos, Lula pagou cerca de dois trilhões de reais em parcelas e juros aos banqueiros. Ou seja, três vezes o valor da dívida que encontrou. No entanto, a dívida aumentou para outros dois trilhões de reais.

É como se um banco começasse a cobrar uma dívida de todos os moradores de seu bairro. Uma dívida que nenhum deles fez. Para pagar essa dívida, os salários dos trabalhadores são cortados, assim como o dinheiro para conservar as escolas e hospitais. Esse pesadelo é real: você está sendo roubado todos os dias em seu salário, na educação e na saúde pública a que tem direito. Tudo isso para pagar uma dívida que não fez.

Os defensores dos banqueiros dizem que não se pode dar um calote na dívida. Mas defendem o que está sendo feito hoje, que é um calote social. Existe um calote social de enorme crueldade, que sacrifica a vida, a educação e a saúde de milhões de trabalhadores para garantir que não haja um calote nos banqueiros. Os governos FHC, Lula e, agora, Dilma se recusam a enfrentar os banqueiros e preferem continuar sem investir seriamente na saúde e educação.

Você ainda acredita no governo Dilma. Mas pode e deve, junto conosco, exigir que ela pare de pagar aos banqueiros e destine já 10% do PIB para a educação, como reivindicam as entidades do setor, como o ANDES-SN e a ANEL. Pode e deve, junto conosco, reivindicar um mínimo de 6% do PIB para a saúde. Assim, as verbas para a saúde e educação poderiam ser mais que dobradas. ■

Escândalo Murdoch: grande mídia no banco dos réus

Crise das escutas ilegais na Inglaterra mostra apenas a ponta do iceberg do poder do magnata da imprensa

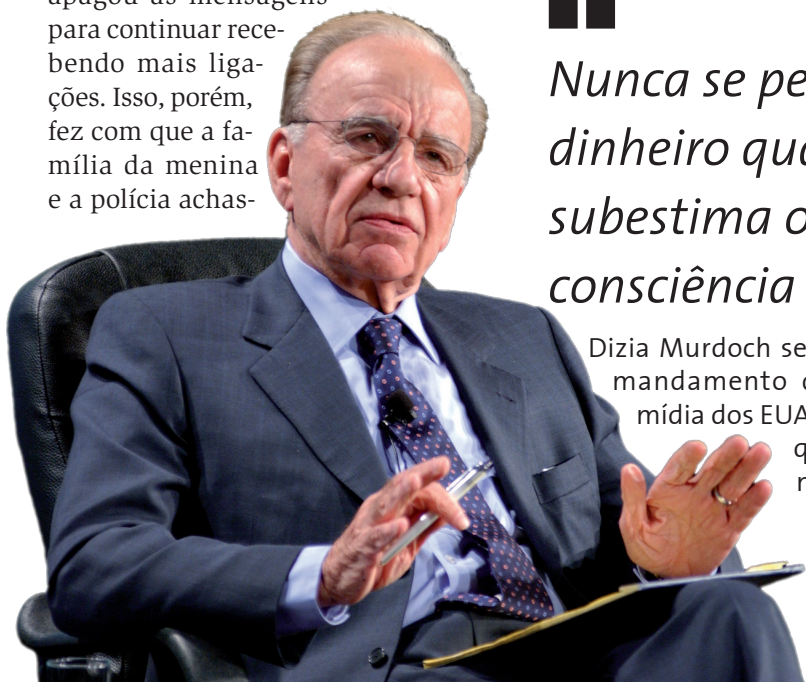
Diego Cruz, da redação

Nas últimas semanas, o bilionário magnata das comunicações, o australiano naturalizado norte-americano Rupert Mudorch, saiu dos bastidores da imprensa para ocupar as manchetes dos jornais de todo o mundo. O octogenário, dono de um verdadeiro império de mídia é pivô de um escândalo que envolve vários dos principais ingredientes que abastecem seus tablóides: espionagem, subornos, corrupção e intrigas.

Murdoch é dono do News Corporation, que controla grandes veículos de comunicação como o *The Wall Street Journal* e a rede de TV Fox, nos EUA; assim como o jornal *The Times* e o tablóide *The Sun* na Inglaterra, formando um conglomerado avaliado em 60 bilhões de dólares. Nesse mês o jornal inglês *The Guardian*, concorrente do empresário, revelou uma investigação que expõe as práticas pouco ortodoxas de um de seus tabloides, o *News of the World*, para conseguir "furos" de reportagem.

A partir de um caso de uma adolescente de 13 anos, sequestrada e morta em 2002, descobriu-se que o tabloide grampeava de forma sistemática pessoas comuns e celebridades, a fim de conseguir notícias. Não é a primeira vez que o *News of the World* se envolveu com um escândalo desse tipo. Em 2005, o editor do tablóide e um detetive particular foram condenados, a quatro e seis meses de prisão, respectivamente, por grampearem os telefones da família real. O novo caso, porém, mostrava a extensão da prática e muita coisa mais.

O ESCÂNDALO

Os detalhes assombram. Em 2002 a menina Milley Dowler desapareceu. Enquanto a polícia investigava o caso, jornalistas grampearam o celular da garota para descobrirem algo que pudesse se transformar em notícia. A caixa-postal do celular ficou lotada e o detetive contratado pelo tablóide não teve dúvidas: apagou as mensagens para continuar recebendo mais ligações. Isso, porém, fez com que a família da menina e a polícia achassem que ela ainda estava viva. Semanas depois, descobriu-se que a adolescente havia sido assassinada.

A revelação desse caso mostrou só a ponta do iceberg do que o jornal de Murdoch era capaz de fazer para alimentar suas notícias sensacionalistas e vender mais. Puxando mais o fio, chega-se a uma rede de escutas ilegais que pode ter atingido 4 mil pessoas, incluindo parentes das vítimas do 11 de setembro, soldados norte-americanos que morreram no Iraque e Afeganistão e até mesmo um parente do brasileiro assassinado pela polícia britânica no metrô de Londres, Jean Charles. Vieram à luz ainda as relações espúrias entre o jornal, membros da polícia e políticos, como o próprio primeiro-ministro do país, David Cameron.

> "Nunca se perde dinheiro quando se subestima o nível de consciência do povo
>
> Dizia Murdoch seguindo à risca o mandamento do magnata da mídia dos EUA, William Hearst, que inspirou o filme Cidadão Kane

Para coroar todos os elementos de um verdadeiro thriller, o ex-repórter dos tablóides de Murdoch que fez as denúncias, Sean Hoare, foi encontrado morto em sua casa, sendo ainda um suspense o motivo de sua morte.

A fim de tentar conter o estrago, Murdoch anunciou o fechamento do tablóide semanal que circulava há 168 anos e vendia, atualmente, 2,7 milhões de exemplares. Em depoimento ao parlamento britânico, o empresário tentou se desvincular do escândalo, argumentou que não mantinha relação direta com os diretores do "News of the World", já que o negócio representava apenas 2% do faturamento de suas empresas.

Os desmandos do tablóide de Murdoch impressionam pela crueldade e frieza de um jornal que utiliza o sofrimento e o sensacionalismo como fonte de lucros. Chama a atenção, ainda, a rede de relações do jornal com autoridades da polícia e políticos, a ponto do ex-editor do tablóide ter sido diretor de comunicações do governo de Cameron. Esse escândalo, no entanto, está longe de representar, por inteiro, o nefasto papel cumprido por Rupert Murdoch à frente de seu império de mídia.

CONDECORADO PELA DIREITA

O magnata encarna a direita mais retrógrada e radical. Orientação que invariavelmente imprime em seus veículos. O empresário chegou a ser condecorado por Israel por suas posições pró-sionistas.

Mas é nos EUA que o empresário exerce maior influência. A rede de TV Fox News se converteu no maior porta-voz da direita no país. Após o 11 de setembro, a emissora ajudou a despertar o fervor patriótico dos norte-americanos, ao mesmo tempo em que difundia a islamofobia, preparando o terreno para as invasões militares no Oriente Médio. A farsa dos relatórios das armas de destruição em massa de Saddam, por exemplo, foi exaustivamente explorada pela emissora, a fim de justificar a política de Bush.

Mais recentemente, a Fox foi a maior impulsionadora do Tea Party, o ultra-reacionário movimento de direita nos EUA. Surgido em 2009, como uma forma de capitalizar à direita o descontentamento da população em relação aos efeitos da crise econômica, o movimento encontrou guarida na TV de Murdoch e hoje representa força importante do Partido Republicano, defendendo temas como os cortes nas áreas sociais e uma rígida política anti-imigração, utilizando inclusive um discurso declaradamente xenófobo.

MÍDIA E PODER

Murdoch segue à risca o mandamento do magnata da mídia dos EUA dos anos 30, William Hearst, que inspirou no cinema o personagem do filme Cidadão Kane. "Nunca se perde dinheiro quando se subestima o nível de consciência do povo", dizia. Os veículos de Murdoch podem assumir características distintas em cada país. Na Inglaterra, epicentro da crise, os tablóides sensacionalistas têm um grande peso. O que não muda, porém, é a política do magnata de convertê-los em grandes panfletos da direita.

Os tablóides de Murdoch, por outro lado, só praticam de forma mais explícita a mesma manipulação que é praxe no conjunto da imprensa burguesa. Desta forma, ainda que possam não carregar o estereótipo do Tea Party da Fox, temos uma imprensa pró-imperialista e, aqui no Ocidente, claramente sionista. As denúncias contra Murdoch surgem assim no marco de uma disputa interburguesa que visa impedir seu avanço na Europa (em meio as escândalos, o empresário foi obrigado a desistir da compra da BSkyB, sua ambição de anos).

No Brasil, os tablóides não têm a mesma influência que na Europa. Por aqui, o sensacionalismo barato e o lixo midiático ficam a cargo da TV. Por outro lado, conhecemos muito bem os efeitos da concentração da mídia e sua relação espúria com o poder, como atesta a Rede Globo e seu suporte aos sucessivos governos de plantão, da ditadura militar até os dias de hoje. ■

“Precisamos de outro modelo de mineração”

O governo Dilma deverá apresentar o Novo Marco Regulatório da Mineração após o recesso parlamentar, em agosto, de acordo com o ministro das Minas e Energia, Edson Lobão. Segundo o ministro, as principais mudanças propostas são o aumento dos royalties sobre a mineração, de 2% para 4%; uma maior fiscalização das empresas por parte do governo, de forma a diminuir a especulação sobre a posse dos direitos minerários; a criação de uma Agência Reguladora, que substituiria o DNPM (Departamento Nacional de Prospecção Mineral); bem como a regulamentação da mineração em faixas de fronteira, terras indígenas e na Amazônia. Para Valério Vieira, presidente do Sindicato Metabase Inconfidentes e dirigente do PSTU de Mariana (MG), as mudanças não atendem os interesses dos trabalhadores da população. Confira a entrevista com o sindicalista.

HERMANO ROCHA, de Belo Horizonte (BH)

POR QUE VOCÊ AFIRMA QUE AS PROPOSTAS DO GOVERNO SÃO EQUIVOCADAS?

O governo está deslumbrado com o crescimento da mineração. A Dilma está vendo a produção nacional de minério chegar a 370 milhões de toneladas. Mas, o que a presidente não está vendo, é o custo disso tudo.

E QUAL É ESSE CUSTO?

O custo é a situação da população, dos trabalhadores e do meio ambiente. A população de Itabira, Nova Lima, Mariana, Congonhas, Carajás, no Pará, vive na miséria. Isso acontece porque os trabalhadores da mineração ganham em média R$ 1.200, trabalhando em um ritmo alucinante, e tendo que conviver com cada vez mais acidentes. Nestas cidades, a poluição é crescente, pois cada tonelada de minério produz 1,6 toneladas de rejeito, além da poeira que causa sujeira e doenças respiratórias. Os mananciais de água estão morrendo, ameaçando o abastecimento das cidades, inclusive de Belo Horizonte.

ENTÃO NÃO VALE A PENA TER A MINERAÇÃO?

Achamos que a mineração deve existir, mas o modelo atual precisa ser mudado. Não podemos mais aceitar a expansão da mineração que só beneficia os lucros privados, em detrimento dos trabalhadores, da população e do meio ambiente. A Vale, por exemplo, deve chegar a R$ 22 bilhões de lucro só no primeiro semestre deste ano. Se continuar nesse ritmo, vai chegar ao fim ano com R$ 40 bilhões de lucro líquido. E para onde vai este dinheiro? Com certeza não é para os municípios mineradores, porque aqui em Mariana falta moradia, atendimento de saúde, escola pública, saneamento básico. Esse lucro não está servindo para nada, a não ser para os acionistas e altos executivos da empresa.

Valério Vieira, presidente do Sindicato Metabase Inconfidentes de Mariana

QUAL É A ALTERNATIVA ENTÃO?

Primeiro, a Dilma tem que rever este conceito de expansão a qualquer custo. Não tem como dobrarmos a produção mineral até 2015, pois isso vai significar mais destruição ambiental, mais exploração dos trabalhadores e mais sacrifícios da população.

Segundo, tem que taxar muito mais a mineração. Este percentual de 4% que o ministro Lobão propõe é totalmente insuficiente. Nós propomos 10% sobre o faturamento bruto, que é o que paga a Petrobras. Além disso, temos que cobrar ICMS sobre a exportação mineral. Hoje o trabalhador mineiro paga 30% de ICMS na conta de energia, 25% no telefone, e 27% na gasolina; mas a Vale, a CSN e demais mineradoras não pagam nada sobre o minério exportado.

ENTÃO A GRANDE QUESTÃO É AUMENTAR OS ROYALTIES?

Não pode ser só isso. Aumentar os royalties e cobrar ICMS é o mínimo que se deve fazer, pois só assim vai ser possível investir mais em educação, saúde, moradia e baixar o imposto para o trabalhador.

Mas, além disso, as outras propostas do governo também estão erradas. O governo quer entregar ainda mais a mineração para a iniciativa privada, por isso quer acabar com o DNPM e criar uma Agência Reguladora, e quer permitir a mineração em qualquer lugar, até em terras indígenas e na Amazônia. Isso é um absurdo. Para vocês verem como é grave, isso é uma das coisas que está por trás da proposta de dividir o estado do Pará, pois a Vale tem interesse em explorar a mineração em Carajás, o que seria facilitado com a criação de um novo estado nessa região.

QUAIS SERIAM, ENTÃO, AS DEMAIS MEDIDAS NECESSÁRIAS?

Bom, qualquer código de mineração teria que prever a defesa do meio ambiente, impedindo que a mineração afete reservas ambientais, mananciais de água, matas e propondo medidas de combate à poluição, em especial os rejeitos e a poeira.

É importante também uma legislação que defenda os trabalhadores da mineração, recompondo as perdas salariais, fiscalizando as condições de trabalho, de saúde e segurança nas empresas.

Por fim, é preciso mudar o modelo de mineração. Para que a mineração não esteja a serviço do lucro, temos que discutir a reestatização das empresas privatizadas, como a Vale, a CSN, a Usiminas e outras. Com a reestatização, seria possível direcionar a mineração para os interesses nacionais, e não para interesses privados. Seria possível reverter os lucros para investimentos sociais, e não para enriquecer acionistas.

SÃO ESTAS AS PROPOSTAS DA CAMPANHA “O MINÉRIO TEM QUE SER NOSSO”?

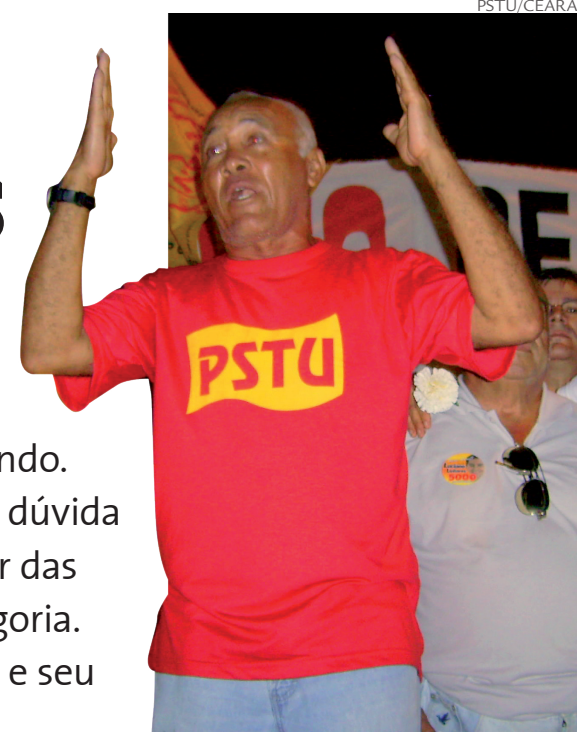
Sem dúvida. Estamos organizando esta campanha para conscientizar a população de que se não lutarmos, o governo Dilma vai aprovar um código de mineração que beneficia as mineradoras.

Por isso, aproveitamos para convidar a todos para a primeira plenária estadual de organização da campanha “O minério tem que ser nosso”, no dia 18. A plenária está sendo convocada por dezenas de entidades, movimentos e partidos, como a CSP-Conlutas, a CTB, a NCST, a Intersindical, MST, MAB, PSTU, PSOL, PCB, entre outros.

Nela vamos lançar um Projeto de Lei de Iniciativa Popular, que propõe a criação de um Fundo Social do Minério, para que o dinheiro dos royalties seja investido nas áreas sociais. A partir disso vamos rodar todo o estado, coletando assinaturas, como forma de mobilizar e conscientizar a população de que o minério tem que ser nosso! ■

“Tudo que aprendi foi com meus companheiros do PSTU”

PSTU/CEARÁ

Depois de 23 anos a frente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, Raimundo Pereira de Castro, mais conhecido como “Raimundão”, está se aposentando. Com sua grande trajetória de luta em defesa dos trabalhadores, Raimundão é sem dúvida uma das maiores lideranças operárias do Ceará. O sindicato que ele ajudou a tomar das mãos dos pelegos nos anos 80 realizou uma grande homenagem na festa da categoria. O Opinião Socialista conversou com Raimundão sobre o sindicato, sua vida política e seu rompimento com o PSTU.

POR LUCAS RIBEIRO, de Fortaleza/CE

COMO VOCÊ ENTROU NA CATEGORIA?

Raimundão - Após trabalhar em outras cidades e estados vim para Fortaleza e fui trabalhar na construção civil, nos anos 70. Naquela época faltava tudo para o trabalhador na obra. Nós trabalhávamos basicamente por produção e, lógico, era do jeito dos patrões.

COMO VOCÊ CONHECEU O MOVIMENTO SINDICAL?

Raimundão - O sindicato na época não ia às obras. Nós víamos outros sindicatos já naquela época se movimentando. Nós conhecemos alguns companheiros ligados às pastorais sociais da igreja que organizavam um grupo de oposição, entre eles Jânio, “Seu” Manoel e Eluizito.

Como eu era muito questionador, o sindicato me chamou para uma conversa, para me colocar na chapa. Na sala do presidente, o Mariano, tinha uma cadeira maior que era onde ele sentava, e tinha um armário onde ele guardava os paletós.

No final de semana seguinte, Eluizito e Zé Ferreira, que eram da oposição, foram na minha casa e me convenci que deveria estar na oposição.

COMO FOI A CAMPANHA CONTRA A PELEGADA?

Raimundão - Nesse momento, a CUT estava se organizando e seus sindicatos, como no setor têxtil, ajudavam. Eu e Seu Manoel Farias andávamos nas obras à noite, para conversar com os trabalhadores. Nós dizíamos que o pelego Mariano e os patrões eram iguais aos ratos e gatos nas obras, andavam e comiam juntos.

Demos uma verdadeira “lavada” na eleição. Mais de 6.000 votos para nossa chapa e eles apenas 666, me lembro até hoje, uma trinca de seis! Depois foi uma briga para assumir.

> “Hoje eu faço uma autocrítica em relação a minha ida para o PSB. O meu pai me dizia: “os erros são parte dos acertos da vida”.

VOCÊ TEVE ANOS DE MILITÂNCIA SINDICAL, MAS TAMBÉM SE ORGANIZOU POLITICAMENTE. FALE SOBRE ESSA TRAJETÓRIA.

Raimundão - Primeiro me organizei no Coletivo Gregório Bezerra (CGB) e, depois, fomos para o partido da Libertação Proletária. Em 1992, nos aproximamos da Convergência Socialista (CS) e, com expulsão da CS do PT formamos a Frente Revolucionária. Em 1994, essa Frente deu origem ao PSTU. No PSTU tinha um diferencial, tinha formação política.

Antigamente, nós não tínhamos condições de estudar. Só fiz até o 3° ano primário. Tínhamos que trabalhar. Tudo que aprendi foi com essa história de luta e com meus companheiros do PSTU.

É verdade que eu tinha facilidade para aprender. Apesar da pouca leitura, puxei a memória da minha mãe. Ela lia um romance ou um cordel e depois se lembrava de tudo. Comigo foi assim também.

VOCÊ ACABOU SAINDO DO NOSSO PARTIDO E INDO PARA O PSB. PASSADO ESSE TEMPO DE AFASTAMENTO, QUAL BALANÇO FAZ SOBRE ISSO?

Raimundão - Na verdade, eu me senti esquecido pelo PSTU num momento. Eu considero que foi um afastamento por impulso. O meu filho dizia que com eles (do PSB) nós teríamos ajuda para resolver alguma necessidade, hoje ele também se decepcionou. Eu posso dizer que minha ligação com o PSTU é muito forte. Eu não consigo participar de um fórum de outro partido. Nas eleições, foi muito difícil pedir voto para outro partido. Hoje, eu faço uma autocrítica em relação a minha ida para o PSB. O meu pai me dizia: *“os erros são parte dos acertos da vida”*. Hoje estou convencido, sem nenhum rancor, que poderemos nos encontrar mais uma vez.

O SINDICATO ESTÁ PREPARANDO UMA FESTA PARA COMEMORAR A VITÓRIA NA CAMPANHA SALARIAL E VAI HOMENAGEAR A SUA TRAJETÓRIA DE LUTA. QUAL É O SIGNIFICADO DESSA HOMENAGEM?

Raimundão - Eu nunca tinha sido reconhecido, o meu trabalho. Quem sempre me valorizou foi o PSTU. Essa homenagem é um marco na minha vida. Hoje, eu quero cuidar da saúde de minha companheira. Nos casamos em Altamira, na construção da Transamazônica. Nós éramos tão humildes que no dia do casamento almoçamos caldo de feijão com arroz. Nesse tempo tivemos três filhos. Minha saída do sindicato vai servir para eu cuidar mais dela, mas sempre que precisar estarei a disposição da luta dos trabalhadores. Não estou me aposentando da luta.

Partido **Opinião Socialista**

Recife comemora 15 anos do Opinião

SÉRGIO GASPAR E REBECA MALAQUIAS, de Recipe/PE

Instrumento para luta, ferramenta de formação, organizador coletivo. Essas foram algumas das frases mais repetidas na comemoração dos 15 anos do jornal do PSTU, o *Opinião Socialista*, que aconteceu no último dia 19 de julho, no Recife.

O evento iniciou com a apresentação do vídeo produzido pela equipe de comunicação nacional do partido, que mostra curiosidades e relatos sobre a história do *Opinião*. Foi possível perceber através dos aplausos e gargalhadas dos mais de 50 convidados, como eles se identificam com a história do jornal. Também estiveram presentes no evento representantes do PCB, PSOL e da Consulta Popular.

Os convidados também saudaram o jornal do PSTU. *“É um jornal que mostra o que passa no mundo imperialista, que oprime e explora os trabalhadores, os movimentos sociais, do campo e da cidade, estudantis etc. Só o Opinião Socialista mostra essa realidade. É o jornal que eu vivencio e sinto o que eu sou: socialista e de luta”*, falou Willians Rocha, trabalhador dos Correios.

“Foi através do Opinião Socialista que ingressei na luta política”, declarou Everton, estudante de história da UFRPE e militante da juventude do PSTU.

A comemoração terminou com uma apresentação do TEAMU&CIA, grupo teatral de rua, que apresentou o BE-A-BÁ do *Opinião Socialista*; uma peça que mostra a diferença entre a imprensa operária e a imprensa burguesa.

Congresso da UNE não tem nada a oferecer ao movimento estudantil

Realizado entre os dias 13 e 17 de julho, em Goiânia, o 52º Congresso da UNE escreveu mais um capítulo na história de decadência e submissão da tradicional entidade estudantil.

JORGE BADAUÍ, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Uma vez mais, o saldo deixado por esse congresso vai estar marcado pelo governismo, a ausência das lutas e a falta de independência política e financeira.

E enquanto esse filme se repete, nas universidades mais importantes do país, é espantoso como o congresso da UNE já não provoca nenhum entusiasmo na base. Outrora catalisadora dos sonhos e da rebeldia da juventude brasileira, a entidade é, hoje, um aparato fragilizado em sua relação com os estudantes.

GOVERNISMO ESCANCARADO

Pela quinta vez seguida, o congresso foi um festival de aplausos ao governo. Dilma e o Ministro da Educação, Fernando Haddad, seguirão com a UNE em seus bolsos e bem domesticada. Mas nem por isso o congresso deixou de render homenagens ao antecessor do atual governo.

Tido como convidado mais ilustre do congresso, Lula resumiu em uma frase o governismo da UNE nos últimos anos: "sou grato à UNE pela lealdade na adversidade". De fato, os serviços prestados pela entidade ao governo federal têm sido enormes, contando, por exemplo, com o apoio ao REUNI, ao ProUni e o FIES e a toda política educacional em curso nos últimos anos.

Também presente ao evento, o ministro Haddad tratou de defender a UNE daqueles que a acusam de ser chapa-branca. "Algumas pessoas imaginam que é possível comprar a consciência do movimento estudantil com alguns trocados. Estudante não se vende por dinheiro nenhum, muito menos por migalha", disse.

Que os estudantes não se venderam, isso ainda podemos ver nas ruas, praças, escolas e universidades do Brasil. Já com a UNE, a história é outra. E o ministro sabe disso. E sabe também que não são exatamente "migalhas" que o governo dispensa à UNE...

INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA É BOBAGEM PARA A UNE

O congresso foi financiado por nada menos que 5 ministérios do governo e três estatais. O governo de Goiás e a prefeitura de Goiânia também entraram com sua cota. Mencione-se, ainda, a Confederação Nacional do Transporte (CNT). Tudo isso é público e a UNE não esconde: governos, ministérios, empresas estatais e até sindicatos patronais financiam o congresso.

ANTONIO CRUZ/ABR

Augusto Chagas, então presidente da entidade, rodeado por Lula e o Ministro da Educação Haddad.

Às vésperas do congresso, a imprensa burguesa, naturalmente, tratou de usar esse fato para tentar desmoralizar o conjunto do movimento estudantil. Acuado, Augusto Chagas, que encerrava seu mandato na presidência da UNE, se defendia com fragilidade: "O patrocinador é o dinheiro público, é o dinheiro da União. Nós achamos que o congresso da UNE tem função pública. Ele serve ao Brasil".

No sentido empregado por Augusto, "Brasil" é uma abstração em cujo interior cabem trabalhadores e patrões, o ensino público e o privado, o governo e os estudantes. Mas se quisesse mesmo ser franco, Augusto reconheceria que a UNE tem recebido milhões em verbas públicas e privadas há anos, mas não sem conceder acenos e bajulações aos donos desse dinheiro.

Recentemente, o site da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), sindicato patronal do oligopólio das faculdades privadas, divulgou a realização de uma reunião entre tal associação e o próprio Augusto. Na pauta esteve o pedido de apoio financeiro ao 52º CONUNE. Na matéria, o ex-presidente da UNE declara: "Nós sabemos do papel que o ensino particular tem desempenhado historicamente na estruturação da educação brasileira", relatando supostas batalhas que os estudantes teriam travado ao lado desses empresários.

É, na melhor das hipóteses, ingênuo acreditar que o financiamento e a conduta política de uma entidade jamais terão relação direta. Pior ainda seria supor ser mera coincidência a lealdade política ao governo federal e às polpudas verbas concedidas à UNE. Tudo isso é parte da explicação do porquê o congresso da UNE já não é capaz de refletir as principais lutas do movimento social brasileiro.

LUTAS PASSARAM LONGE

A programação do 52º CONUNE divulgada pela entidade é um retrato da acomodação e de sua ausência nas lutas em curso pelo país. Em um cenário de greves e mobilizações importantes, como a dos professores em diversos estados, dos funcionários das universidades federais e dos bombeiros do Rio, nenhum desses trabalhadores em luta foi convidado a falar ao congresso – somente o governo.

O cenário internacional em que a juventude marca presença na arena política, encabeçando mobilizações nos países árabes, na Europa e no Chile, também não merece – aos olhos da UNE – nenhuma centralidade em seu congresso.

Ocorre que a maior parte dessas lutas, direta ou indiretamente, se choca com governos, como Dilma e Cabral, ou secretários e reitores aliados da entidade. E, em um sentido mais profundo, não são mais a rebeldia e a luta aberta que sustentam a UNE. O CONUNE não reflete as lutas, porque as lutas estão no sentido oposto ao que vai a UNE.

QUAL A TAREFA DOS ESTUDANTES?

O congresso da UNE não tem nada a oferecer ao movimento estudantil combativo. E isso se revelará agora, nas tarefas que os estudantes têm a assumir. No ano passado, o Plano Nacional da Educação (PNE) aprovado em 2001 chegou ao fim. Esse projeto previa a destinação de 7% do PIB para educação. FHC vetou este artigo e Lula manteve o veto. O resultado foi que mais da metade das metas não foram cumpridas. O Brasil está ainda muito longe de oferecer a 30 % da juventude uma vaga no ensino superior (hoje 13 % dos jovens estão no ensino superior). Também está muito distante da erradicação do analfabetismo e a situação nas escolas públicas é de precariedade total. O PNE não foi cumprido e, agora, 10 anos depois, Dilma propõe um novo PNE que prevê, para 2020, a aplicação dos 7% do PIB. Mas o caráter do projeto também mudou: o novo PNE é um ataque à educação pública e institui como política de Estado o modelo de transferência de dinheiro público para o ensino privado.

Ao apoiar o PNE (a "luta" da UNE por 10% do PIB), a UNE apóia também a transferência de mais verbas públicas para o ensino privado. De qualquer maneira, este semestre vai mostrar se a UNE realmente luta pelos 10% do PIB ou não. Até agora a entidade está fora da Jornada de Lutas de agosto e das articulações do plebiscito nacional – iniciativas unitárias que incluem entidades do movimento estudantil e social, como a CSP-Conlutas, o ANDES e o MST.

Ao menos que ache que o 52º CONUNE fortaleceu a luta dos estudantes, a Oposição de Esquerda da UNE deveria romper com essa entidade. Mas independentemente de onde os companheiros decidirem se organizar, neste segundo semestre queremos estar juntos nas lutas, na disputa da consciência dos estudantes e nas chapas para as eleições dos DCEs. A ANEL e a Esquerda da UNE devem se unir para enfrentar o PNE de Dilma e exigir a aplicação imediata de 10% do PIB na educação pública. ■

DA REDAÇÃO

Novecentos e cinquenta e quatro bilhões de reais. Esse é valor total do orçamento público que o governo vai destinar ao pagamento da dívida pública, em 2011. O valor corresponde quase à metade de todo o Orçamento Federal (49,15%), cuja soma total é de R$ 1,940 trilhão.

Todo ano o governo destina boa parte do orçamento público para pagar parcelas e juros das dívidas interna e externa. E quanto mais os governos pagam, mais elas aumentam (veja o gráfico ao lado).

Desde 2003, até o final do governo Lula, foram pagos cerca de R$ 2 trilhões da dívida interna aos banqueiros. Esse valor é muito superior ao que foi pago pelo governo de FHC: R$ 1,23 trilhão. No entanto, hoje a dívida interna ultrapassa os R$ 2 trilhões de reais. Ou seja, o governo pagou em juros e amortizações um valor maior do que a própria dívida, e mesmo assim ela aumentou muito.

Já a dívida externa, saltou de 200 bilhões de dólares, no final de 2009, para US$ 284 bilhões, em maio.

Todo ano o governo faz uma operação conhecida como “refinanciamento”. Ou seja, emite novos títulos da dívida (com taxas de juros altíssimas para atrair os investidores) para o pagamento de títulos que estão vencendo. Assim, mantém os juros altos para seguir atraindo capitais.

Somente nessa operação de “rolagem”, o governo vai gastar, neste ano, R$ 674 bilhões, segundo os cálculos da Auditoria Cidadã da Dívida. De acordo com o relatório mensal da dívida do governo federal, só no mês de junho foram gastos R$ 43,31 bilhões da “rolagem”.

Claro, todo esse dinheiro vem do orçamento público, ou seja, do dinheiro que seria destinado à educação, saúde, reforma agrária, habitação, cultura etc.

CORTE NAS ÁREAS SOCIAIS

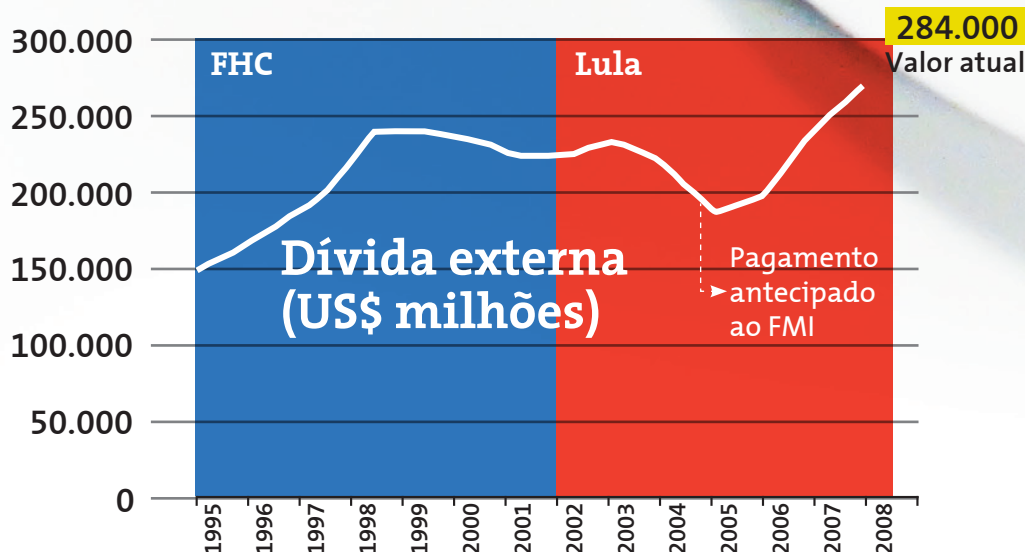
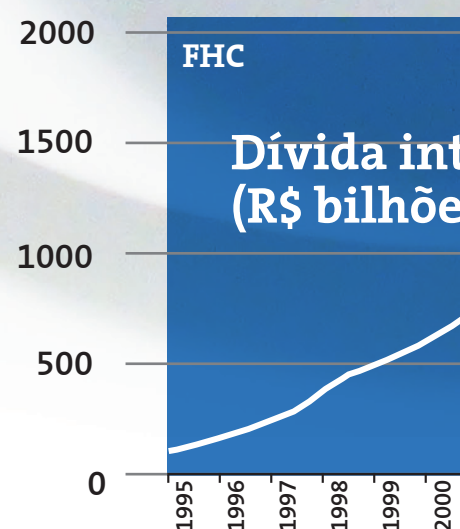
O pagamento da dívida assume sua dimensão dramática quando comparamos os valores destinados aos banqueiros com o orçamento previsto para os serviços públicos.

Quando um trabalhador sofre com o caos da saúde pública no Brasil, precisa saber que apenas o pagamento em juros e amortizações e rolagem da dívida faz com que sejam destinados apenas 3,5% do orçamento para a saúde. O funcionalismo público, que luta contra o congelamento de seus salários, precisa saber que os gastos com pessoal, sempre apontados como excessivos pela grande imprensa, representam somente 10,29% do orçamento, quase cinco vezes menos do que é pago aos banqueiros. O aposentado, que tem sua pensão arrochada, deve saber que pagamento da dívida representa 3,4 vezes os gastos previstos com a Previdência Social. Os professores, em greve em vários estados, precisam denunciar que os gastos com a dívida são 16,8 vezes maiores do que toda a verba para a educação em 2011. E os camponeses sem terras, acampados na beira de estradas país afora, precisam saber que o gasto com a dívida é 200 vezes superior a todo orçamento destinado à reforma agrária.

Mas o dinheiro destinado as áreas sociais pode sofrer uma redução ainda maior com o chamado “contigenciamento” de verbas. Isso significa que os valores previstos no orçamento podem ser desviados para o pagamento da dívida. Uma prática que já é bastante comum. Em 2009, por exemplo, o orçamento federal não executou boa parte dos gastos sociais, enquanto os gastos com a dívida foram fortemente aumentados no decorrer do ano, chegando a nada menos que 163% dos valores inicialmente programados, segundo a Auditoria Cidadã da Dívida.

Portanto, o governo e a grande imprensa mentem descaradamente quando falam que não tem dinheiro para investir em saúde, educação, reforma agrária, reajustar as aposentadorias e os salários dos servidores. Há dinheiro, sim. Mas a metade do bolo vai para os banqueiros.

Dívida pública é “Bolsa Banqueiro”

Os governos de Lula e Dilma enchem a boca para dizer que se preocupam com os trabalhadores pobres. Por isso o Bolsa Família é apresentado como uma das maiores realizações do governo. Mas, na verdade, omitem que a o pagamento dos R$ 954 bilhões da dívida pública representam um valor 68 vezes maior do que o dinheiro destinado para o Bolsa Família este ano (R$ 13,9 bilhões). Ou seja, o pagamento das dívidas é o “Bolsa Banqueiro” que Dilma e a grande imprensa tentam esconder.

s banqueiros

1, quase
ento federal está
pagamento das dívidas
os serviços públicos ao caos.

30,12% Outros

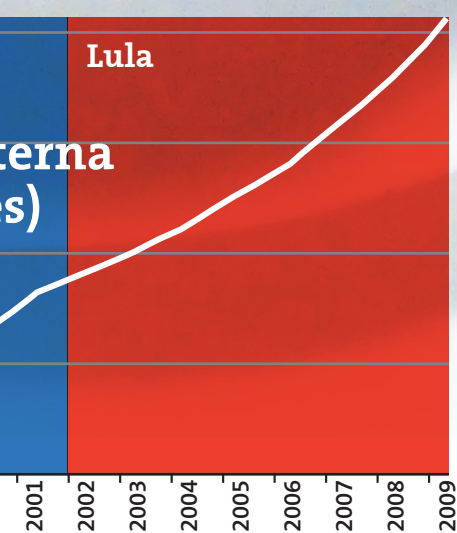
14,28% Previdência

,92% ucação

3,53% Saúde

Lula

terna
s)

2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009

nálise preliminar nº 5 da CPI da Dívida Pública

Dívida externa acabou?

CPI mostra que dívida não só continua existindo, como também aumentou

Um mito foi amplamente divulgado durante o governo Lula. Trata-se da farsa de que o Brasil teria pagado a dívida externa com o Fundo Monetário Internacional. Na verdade a história é bem diferente. A dívida, não só continua existindo como aumentou, para 284 bilhões de dólares em maio.

Nos últimos anos o governo aumentou as chamadas "reservas internacionais", montante de recursos do governo, poupado em dólar, para garantir, caso necessário, o pagamento da dívida externa. Essas reservas somam, atualmente, um valor semelhante ao da dívida externa, e é isso que permite ao governo dizer que "pagou" a dívida".

Na verdade, trata-se de um negócio desfavorável ao Brasil. Para bancar essas reservas, o governo comprou dólares, trocando a dívida externa pela dívida interna. Conseguiu dólares que estão investidos em títulos norte-americanos, rendendo 1 ou 2% ao ano. E tem que pagar a dívida interna, com os juros pagos no Brasil, que são os maiores do mundo, cerca de 19,5% ao ano.

As reservas internacionais não "preservam" o Brasil de nenhuma crise econômica, como diz o governo. Isso porque os investimentos especulativos no país são muito superiores às reservas. Ou seja, caso ocorra uma fuga de capitais essas reservas podem se reduzir a pó num piscar de olhos.

Raposas cuidam do galinheiro

Uma das mais contundentes revelações feitas pela CPI da Dívida mostra que o Banco Central realiza uma reunião com "convidados" antes de definir as taxas de juros.

Classificados como "analistas independentes" pelo BC, as reuniões congregam representantes "nada independentes" dos segmentos diretamente interessados nas altas taxas de juros. A CPI revelou que essas reuniões são formadas por representantes dos bancos (51%), gestores de ativos como os títulos da dívida pública (35%) e consultores financeiros (8%). Ou seja, quem define a taxação dos juros são exatamente aqueles que mais se beneficiarão com seu aumento.

Não pagar a dívida para acabar com caos social

A grande imprensa e o governo afirmam que é impossível romper com o pagamento das dívidas, pois isso levaria o país ao "caos". Tal argumento é totalmente inacreditável. Em que país a grande burguesia vive? Hoje, o caos no Brasil é uma dura realidade já enfrentada pelos trabalhadores. Basta ver o cotidiano das grandes cidades, o "apagão" dos serviços públicos, como saúde, educação e transporte, os baixos salários e a explosão da violência.

Os trabalhadores brasileiros já vivenciam o verdadeiro caos porque metade do orçamento público está comprometido com o pagamento das dívidas. Portanto, o argumento de que o fim do pagamento das dívidas provocaria o "caos" é um absurdo, e serve apenas para defender os lucros dos grandes bancos e agiotas da dívida.

O QUE DARIA PRA FAZER SEM O CAOS DA DÍVIDA?

O não pagamento da dívida poderia, já em 2011, possibilitar um avanço de qualidade na solução de graves problemas sociais no Brasil, como habitação, reforma agrária, educação e saúde.

Um plano de obras públicas para a construção de casas populares poderia abarcar os trabalhadores desempregados do país, resolvendo dois problemas sociais conjuntamente. Seriam necessários cerca de sete milhões de casas populares para resolver o déficit habitacional nacional. A um custo de R$ 12 mil cada (casa de dois quartos, de acordo com estudo da UFRGS), poderiam ser construídas casas em um mutirão nacional, a um custo total de R$ 84 bilhões.

Uma reforma agrária real implica na expropriação dos latifúndios, associada a uma verba para financiar o assentamento dos sem terra. A Auditoria Cidadã da Dívida calcula em R$ 17,5 mil o custo desse assentamento por família, caso não se contabilize o custo da terra (que seria expropriada). Incluindo 4,5 milhões de famílias sem terra, teríamos um grande projeto real de reforma agrária, qualitativamente distinto do imobilismo atual, e sob controle do próprio movimento. O custo deste projeto, tão importante para o país, ficaria em R$ 78,5 bilhões.

É fundamental investir em saúde e educação. A reivindicação das entidades da educação (ANDES e ANEL) de 10% do PIB já para a educação significariam R$ 367 bilhões, ou seja, seis vezes o destinado hoje (R$ 56 bilhões). Essa proposta inclui a duplicação do orçamento das universidades públicas, e não o financiamento atual das universidades particulares com o ProUni. Além disso, um amplo plano de educação fundamental, que possibilite a elevação cultural de nosso povo e a valorização dos professores e funcionários das escolas.

A reivindicação dos movimentos de saúde de 6% do PIB, significaria R$ 220 bilhões, ou seja, três vezes o orçamento atual (R$ 68 bilhões). Isso possibilitaria uma saúde pública e de qualidade para o povo, e não a vergonha atual do enriquecimento dos convênios particulares.

O custo total da duplicação do orçamento da educação e saúde em quatro anos seria de R$ 244 bilhões.

A soma dessas iniciativas, que atacariam de frente os problemas sociais do país, custaria cerca de R$ 650 bilhões, isto é, R$ 300 bilhões a menos do que os gastos do governo com o pagamento da dívida neste ano! Isso comprova que não falta dinheiro, o problema é com quem fica esse dinheiro. Hoje, ele fica com os banqueiros e grandes empresários. ■

"A máscara do Sérgio Cabral caiu"

Desde o dia 8 de julho, o profissionais da educação do Rio de Janeiro estão em greve. O **Opinião** entrevistou Vera Nepomuceno, coordenadora geral do Sepe-RJ (Sindicato dos Profissionais da Educação), que contou o drama vivido pela categoria nesses quase dois meses.

POR PATRÍCIA MAFRA, do Rio de Janeiro/RJ

COMO ESTÁ A GREVE DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO? QUAIS SÃO SUAS REIVINDICAÇÕES?

Vera Nepomuceno - Essa campanha salarial procura garantir não só o reajuste salarial, mas também a defesa da carreira docente que vem sendo ameaçada com a política de meritocracia e privatização de Sergio Cabral. Sem um centavo de reajuste em 2009 e 2010, no início deste ano a categoria percebeu que era necessário construir uma greve para arrancar uma reposição salarial de 26%, além do descongelamento do plano dos funcionários administrativos; adiantamento das parcelas do programa Nova Escola – cuja incorporação está prevista para terminar em 2015; fim do Plano de Metas, eleição para os diretores das escolas, revitalização do IASERJ (o hospital mantido com dinheiro dos servidores públicos e que está sendo destruído pelos sucessivos governos).

COMO TÊM SIDO AS NEGOCIAÇÕES?

Vera - Ao longo de todo este ano, procuramos caminhos para a abertura de negociações. Conseguimos audiências com secretários do governo e com líderes da Alerj (Assembleia Legislativa do Rio). Fizemos paralisações, atos, passeatas, e nada. Por isso, ocupamos a Secretaria de Educação. Queremos arrancar negociações. Como o governo não propôs qualquer reajuste, decidimos ocupar a Secretaria para exigir nova negociação. Conseguimos uma, para o dia seguinte, e saímos de lá. Mas como, infelizmente, as negociações não avançaram, estamos acampados em frente à Secretaria.

RECENTEMENTE, DIVERSOS ESQUEMAS DE CORRUPÇÃO DO GOVERNO CABRAL TÊM SIDO TRAZIDOS À TONA. COMO A CATEGORIA TEM REAGIDO?

Vera - A categoria tem demonstrado muita revolta com essa situação, o que é natural. Em todas as negociações nós ouvimos que o estado não tem dinheiro para nos dar aumento. Não tem dinheiro pra quê? Porque para superfaturar as obras dos megaeventos tem dinheiro, e muito. A máscara do Sergio Cabral caiu. O que a população começa a ver, hoje, é a cara de um governo autoritário, que prendeu 439 bombeiros, que chefia uma polícia violenta que mata negros pobres, e trata com descaso seus servidores. A população está compreendendo que nosso movimento é justo. Recentemente, numa enquete de jornal, 84% dos leitores declararam apoio à nossa greve.

SAMUEL TOSTA

Vera Nepomuceno, coordenadora geral do Sepe-RJ

> "Recentemente, numa enquete de jornal, 84% dos leitores declararam apoio à nossa greve.

O QUE SIGNIFICAM AS POLÍTICAS MERITOCRÁTICAS PARA A EDUCAÇÃO?

Vera - É parte do projeto neoliberal para a educação e vem sendo aplicada em diversos estados do Brasil. A ideia que eles vendem é a de que, para um professor trabalhar bem, tem que ter um incentivo financeiro. Aí, eles deixam a grande maioria dos professores ganhando uma miséria, mas com a expectativa de que podem ganhar melhor. Basta serem mais produtivos! E o que é a produtividade na Educação? Nós não conseguimos medir produtividade na nossa profissão, mas os especialistas neoliberais têm a resposta: aprovar mais alunos. O objetivo é claro: economizar. Para poder sobrar dinheiro para pagar um monte de empresas "amigas" do governo que darão "suporte" para a educação.

UM NOTICIÁRIO DA REDE GLOBO SUGERIU QUE A GREVE SERIA FRUTO DO INTERESSE DE PARTIDOS POLÍTICOS, CITANDO O SEU NOME E O DO PSTU. COMO VOCÊ VÊ ESSA QUESTÃO?

Vera - É mais uma tentativa da mídia de desmoralizar o movimento grevista. E isso porque, todos sabem, a Globo apóia o Sergio Cabral. Nos ignoraram o quanto puderam. Agora, que não podem mais nos ignorar, querem que a população fique contra nós.

Quem viu a entrevista percebeu que os repórteres estavam ensaiados para fazer essa denúncia específica ao PSTU. Isso não é casual. Nosso partido tem participado de muitas lutas no Brasil e no Rio de Janeiro, lutas que colocam governos e empresas contra a parede. Por isso, sempre que puderem, vão nos atacar. Mas quem atua conosco nos sindicatos e nos movimentos sociais conhece a nossa prática, e não se deixa levar pelo que dizem os poderosos.

QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS DA GREVE?

Vera - Nesse período que seria o nosso recesso escolar, estamos acampados em frente à Secretaria de Educação. No dia 3 de agosto, teremos nossa próxima assembleia que, caso o governo continue não apontando nenhuma proposta, deverá aprovar a continuidade da greve. ■

www.pstu.org.br

Veja em nosso site a resposta do PSTU aos ataques da Rede Globo, no Rio de Janeiro, e à imprensa de Santa Catarina.

Minas em greve

Em Minas, a greve continua. Os educadores da rede estadual de Minas Gerais continuam determinados em sua greve, iniciada em 8 de junho. A continuidade da paralisação é a resposta da categoria ao governo do Estado que se mantém irredutível em discutir a implantação do Piso Salarial Profissional Nacional (PSPN). Em reuniões com o Comando de Greve, o governo informou que só aceitaria negociar as reivindicações dos educadores após o encerramento da greve. Uma nova assembleia dos trabalhadores será realizada também no dia 3 agosto, a partir das 14h, no pátio da Assembleia Legislativa de MG.

RN: greve paralisada

No dia 13 de julho, foi divulgada a decisão judicial que determinava aos professores grevistas o retorno imediato à sala de aula. Após 80 dias de luta, a greve foi suspensa. Mas a categoria não aceitou a proposta apresentada pelo governo e, mesmo com o fim da paralisação, continua mobilizada. Em seu blog, a professora Amanda Gurgel deu seu recado: "Exigimos que a governadora faça como fez com todas as outras categorias que estavam em greve: atenda às nossas reivindicações para que possamos finalmente retornar ao trabalho. É somente em nome da educação pública que reafirmamos a nossa posição, pois não há motivo para desistência enquanto há disposição para uma luta justa!".

Governo de SC ataca greve

O governador Raimundo Colombo atacou os professores estaduais, que realizaram uma greve de 62 dias. Desesperado, o governador partiu pra cima do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina (Sinte) e depois atacou o PSTU. "São anarquistas e atrapalharam a educação", disse.

Avançam os preparativos para a Jornada de Agosto

Sindicatos, movimentos populares e estudantis já se colocam em movimento; campanhas salariais devem potencializar jornada de luta e marcha a Brasília

SEBASTIÃO CARLOS "CACAU" PEREIRA FILHO, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas

Começa a ganhar corpo a preparação da jornada nacional que a CSP-Conlutas e outras entidades estão organizando para agosto. A iniciativa, assumida também pela CNESF, COBAP, ANEL, Condsef, MTL, MTST, MST, UST, Intersindical e diversas outras entidades busca mobilizar os trabalhadores de todo o país em torno a uma plataforma ampla de reivindicações. A jornada deve se apoiar nas campanhas salariais em curso.

Os trabalhadores em educação do Rio de Janeiro devem jogar peso num ato público, no dia 30 de julho, quando ocorrerá sorteio dos grupos das eliminatórias da Copa do Mundo. Seguem também em greve os educadores de Minas Gerais.

Entre os servidores públicos federais estão programadas paralisações de setores importantes. Nesse momento, estão em greve os trabalhadores das universidades federais, organizados na FASUBRA. Apesar do indicativo do Comando Nacional (dominado por setores governistas) de recuo na greve, a direção da Federação foi atropelada pelas bases, que decidiram manter a paralisação, na medida em que o governo não avança na negociação.

Os trabalhadores da base do Sinasefe (instituições federais de ensino superior, antigos CEFETs) e os trabalhadores do IBGE têm indicativo de greve para o início de agosto.

Os professores universitários, por meio do ANDES-SN, também investem na organização da greve da categoria. A categoria vai promover assembleias até o dia 5 de agosto e discutir o indicativo de greve, para os dias 23 e 24.

GRANDES CATEGORIAS COMEÇAM A SE MOBILIZAR

Os petroleiros estão em campanha, negociando a PLR (Participação nos Lucros e Resultados) com a Petrobras. A tendência é que a proposta da empresa seja rejeitada pelos petroleiros. Em seguida à negociação da PLR, começa a campanha salarial da categoria. No dia 24 de agosto, em Brasília, acontece uma plenária nacional contra os leilões das bacias de petróleo. A FNP (Federação Nacional dos Petroleiros) realiza congresso em agosto.

Os trabalhadores dos correios realizaram um Conselho Nacional de Representantes da Federação da categoria, elegeram um comando nacional de negociação e discutiram a resistência à privatização da empresa. Indicaram um calendário que aponta a greve a partir do dia 14. A intervenção dos sindicatos e oposições sindicais ligadas à Frente Nacional dos Trabalhadores dos Correios (FNTC) foi decisiva para a adoção desse calendário.

METALÚRGICOS SE MOBILIZAM EM MINAS E SÃO PAULO

A Federação Sindical e Democrática dos Metalúrgicos de Minas definiu uma pauta e campanha conjunta nos seus sindicatos filiados, pleiteando a correção salarial e aumento real de 10%, além do direito à eleição dos delegados sindicais. No dia 18, será lançada a campanha salarial, num ato conjunto com outros setores em Belo Horizonte.

Em São Paulo, os sindicatos dos metalúrgicos de São José dos Campos, Santos, Limeira e Campinas definirão um índice comum de reivindicação, em seminário conjunto. Na composição do índice, além da inflação, será considerada a produtividade medida no período. No dia 19, será realizado um dia estadual de luta dos metalúrgicos, com manifestações.

Os trabalhadores da mineradora Vale também reivindicam a reposição da inflação e 10% de aumento real. No próximo dia 18, participam do lançamento da campanha "O minério tem que ser nosso!" (ver página 5).

Os bancários devem definir suas reivindicações em assembléias, no início de agosto. Até lá, ocorrem os encontros organizados pela Contraf\CUT e Contec, as confederações da categoria. Os bancários organizados no Movimento Nacional de Oposição Bancária (MNOB) realizaram um importante encontro nacional, no Rio de Janeiro, com a presença de representantes de várias regiões.

Campanhas importantes, de categorias com peso em seus estados, também estão em curso. É o caso dos rodoviários de Fortaleza e trabalhadores da construção civil de Belém, dirigidos pela CSP-Conlutas. Aí também pode ter greve.

MOVIMENTOS POPULARES E ESTUDANTIS SE SOMAM À JORNADA

O Congresso da Assembleia Nacional de Estudantes – Livre definiu a participação do movimento estudantil combativo na jornada. A ANEL deverá realizar sua 5° Assembleia Nacional logo após a Marcha, no dia 25 de agosto, em Brasília.

Os estudantes também vão jogar peso na plenária nacional da campanha por 10% do PIB para a Educação, que acontece no dia 24 de agosto, em Brasília.

Os movimentos populares também se organizam. O MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) planeja levar 20 ônibus a Brasília, com representantes de ocupações urbanas, principalmente de São Paulo e Minas.

O MUST (Movimento Urbano dos Sem Teto) já cadastrou 250 moradores do Pinheirinho, em São José dos Campos, mas tem potencial para levar outras centenas de trabalhadores.

O MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade) organiza uma caravana do noroeste de Minas Gerais, com representantes de assentamentos e ocupações do campo.

Também no dia 24, em Brasília, ocorrerá uma reunião nacional dos movimentos pela demarcação das terras quilombolas.

Como podemos ver, a semana de mobilização proposta e o dia 24 de agosto, em particular, estão sendo tomados como referência pelas categorias e movimentos de trabalhadores em luta.

GARANTIR UMA FORTE JORNADA

A reunião da Coordenação Nacional da CSP-Conlutas, que acontece de 5 a 7 de agosto, em Belo Horizonte, organizará a intervenção da Central na jornada e na grande manifestação de Brasília, no dia 24.

Junto com a organização das campanhas salariais, a preparação da jornada é a grande tarefa dos sindicatos nesse próximo período.

Cartaz unificado convocando a Jornada.

A preparação em cada categoria

Categoria	Bancários	Metalúrgicos de MG [1]	Metalúrgicos do interior de SP [2]	Trabalhadores dos Correios	Trabalhadores da Vale	Petroleiros
Data-base	1º de setembro	1º de outubro	1º de agosto e 1º de setembro	1º de agosto	1º de setembro	1º de setembro
Reivindicação [3]	A definir	Reposição da inflação + 10% de aumento real	Reposição da inflação + produtividade do período	24,76% de perdas salariais + a inflação acumulada	Reposição das perdas + 10% de aumento real	A definir
Número de trabalhadores (empregados diretos)	500 mil	60 mil	120 mil	120 mil	60 mil	80 mil

1 - Organizados pela CSP-Conlutas | 2 - São José, Campinas, Santos e Limeira | 3 - A variação da inflação acumulada está em torno de 7,5% no último ano.

Talento ofuscado pelo luto

"Eu morri uma centena de vezes", diz o verso de Back to Black (De volta ao luto), uma das canções mais famosas de Amy Winehouse. De fato, do alto de seus vinte e poucos anos, a cantora e compositora já tinha vivido algumas vidas.

LUCIANA CANDIDO, da Redação

Amy parece ter nascido, por engano, nos anos 1980. Quando ouvimos sua voz, temos a impressão de que ela saiu diretamente do meio de grandes vozes negras do jazz e do blues, como Ella Fitzgerald, Dinah Washington, Nina Simone e Billie Holiday. Na interpretação que faz da música *Teach me tonight*, de Dinah Washington, fica difícil distinguir sua voz da de Dinah.

Ao mesmo tempo, colocou o cenário musical britânico em destaque novamente. Ela nasceu no bairro de Southgate, norte de Londres, em 1983. Filha de uma família judia, cresceu ouvindo as grandes cantoras junto com ícones consagrados do jazz , como Thelonious Monk, e os cantores Tony Bennett e Frank Sinatra, que inspiraria o nome do primeiro de seus dois discos, *Frank* (2003).

Aprendeu a tocar guitarra lá pelos 12 anos, com algumas dicas de seu irmão Alex. Quanto a cantar, Amy diz que aprendeu ouvindo, ainda criança. Aos 13 anos, ganhou uma bolsa para estudar na Sylvia Young Theatre School, uma as maiores escolas da Inglaterra.

Num breve ensaio exigido de todos os alunos, Amy escreveu: "*tenho o sonho de ser muito famosa. Trabalhar no palco. É uma ambição da vida inteira. Quero que as pessoas ouçam a minha voz e simplesmente... esqueçam seus problemas durante cinco minutos*".

Amy também estudou na Brit Performing Arts & Technology School, umas das mais importantes do mundo. Nessa época, fazia um "bico" cantando na National Youth Jazz Orchestra. Aí, foi descoberta por Simon Fuller, do programa Pop Idols, a versão britânica do "*Ídolos*" brasileiro. A relação entre eles não foi das melhores. Esse mundo pop não era exatamente o que Amy queria. "*Gente de negócios não me causa impressão. Não ficam na minha cabeça*", falou sobre Fuller.

MISTURA GENIAL

Amy construiu um estilo próprio. Seu primeiro disco, *Frank*, lançado apenas no Reino Unido, tinha clara influência de jazz. Porém o disco já misturava o jazz a outros ritmos da música negra ,como funk, soul, hip-hop, rap e blues.

À exceção de duas faixas reinterpretadas, Amy foi co-autora de uma canção e autora de todas as demais. *Take the Box* foi o hit deste disco, ficando no topo das paradas de sucesso. Na letra, Amy devolve os presentes que ganhara de seu amado, inclusive um disco de Frank Sinatra.

Depois de *Frank*, Amy sumiu e reapareceu somente em 2006, com *Back to Black* (2006), o segundo disco, que a colocou definitivamente no mundo das celebridades. O título do álbum – e também de uma das músicas – foi inspirado no fim traumático de um relacionamento.

A música *Rehab* é a mais conhecida e uma das mais especuladas. A canção gera interpretações ridículas, como "é um pedido de socorro". Porém nada mais é do que a história da ruptura com sua antiga agência, que queria que ela se tratasse. A música tem um tom de travessura, como se ela tivesse fugido da escola para matar aula.

Amy não havia gostado de *Frank*. Ela dizia que queria tocar no placo, não ouvir o disco – o que, aliás, nunca fez até o fim. Em *Back to Black*, resolveu ser mais direta e usar acordes mais simples, diminuindo o tom jazzístico e firmando um estilo ainda mais definido.

As letras de Amy são quase sempre divertidas, por mais que alguns tentem dar uma interpretação depressiva. Ela dizia que escrevia "músicas que pudessem ser cantadas com uma garrafa de uísque". Relacionamentos eram seu tema favorito, principalmente os seus. Brincava com as próprias decepções e conflitos.

A música de Amy atingiu uma combinação inesperada. Num mundo em que o sucesso é medido em números, ela conseguiu, com sua música nada padronizada, entrar nas paradas de sucesso, ser aprovada pela crítica e cobiçada pela indústria fonográfica.

CONTRADIÇÃO AMBULANTE

Amy foi eleita a mulher mais sórdida entre as celebridades numa pesquisa de opinião pública nos Estados Unidos, e acusada de ser a responsável pela "fome na África", numa reunião das Nações Unidas. Pra lá dos exageros ridículos, ela era uma pessoa extremamente autocrítica e, naturalmente, contraditória.

O fato de ser mulher fez com que Amy fosse cobrada por sua aparência, apesar de seu talento imensurável. Obviamente que por esse motivo era muito mais censurada por seu estilo de vida do que artistas homens, como Noel Gallagher, do Oasis, que protagonizou tantos escândalos quanto ela.

Detonar a cantora vendia muito. Fotos das narinas de Amy brancas de cocaína davam dinheiro, assim como apresentá-la com os seios à mostra. Com o ex-marido Blake Fielder-Civil, protagonizou cenas de casal que não se via desde Nancy Spungen e Sid Vicious, do Sex Pistols.

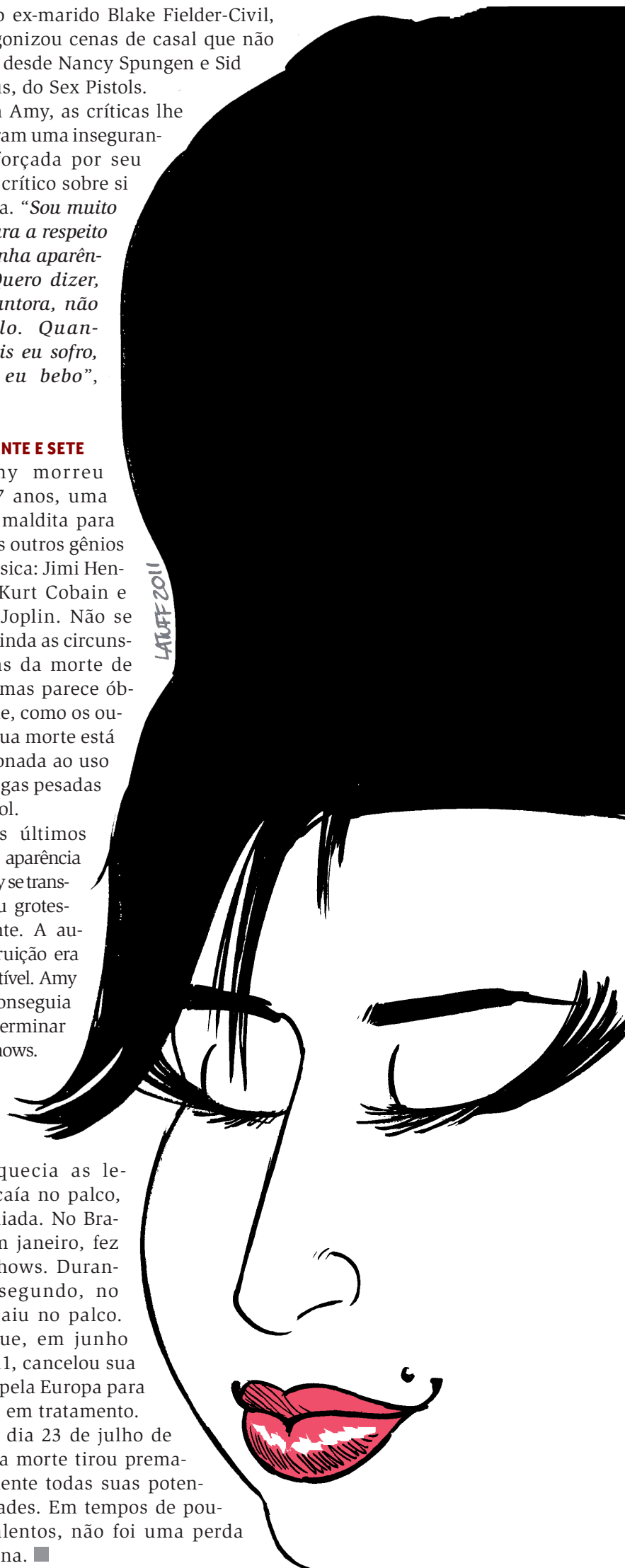
Em Amy, as críticas lhe renderam uma insegurança reforçada por seu senso crítico sobre si mesma. "*Sou muito insegura a respeito da minha aparência. Quero dizer, sou cantora, não modelo. Quanto mais eu sofro, mais eu bebo*", disse.

AOS VINTE E SETE

Amy morreu aos 27 anos, uma idade maldita para muitos outros gênios da música: Jimi Hendrix, Kurt Cobain e Janis Joplin. Não se sabe ainda as circunstâncias da morte de Amy, mas parece óbvio que, como os outros, sua morte está relacionada ao uso de drogas pesadas e álcool.

Nos últimos anos a aparência de Amy se transformou grotescamente. A autodestruição era perceptível. Amy não conseguia mais terminar seus shows.

Esquecia as letras, caía no palco, era vaiada. No Brasil, em janeiro, fez três shows. Durante o segundo, no Rio, caiu no palco. Até que, em junho de 2011, cancelou sua turnê pela Europa para entrar em tratamento.

No dia 23 de julho de 2011, a morte tirou prematuramente todas suas potencialidades. Em tempos de poucos talentos, não foi uma perda pequena. ■

LOUISA GOULIAMAKI/AFP/GETTY IMAGES

Grécia é a ponta do iceberg da crise europeia

Os recentes acontecimentos ocorridos na Grécia mostram o que pode acontecer em toda a União Europeia (UE), como consequência da crise econômica internacional. Inicialmente, o epicentro da crise esteve localizado nos Estados Unidos, mas a UE foi o pólo imperialista mais afetado, e expôs todas suas contradições.

A União Europeia nasceu através de diferentes tratados internacionais na década de 1990. Atualmente, é formada por 27 países, como continuação da Comunidade Econômica Europeia (CEE), fundada em 1957. Em seu interior criou-se, em 2000, a chamada "zona do euro": 17 países que adotaram o euro como moeda comum, controlada pelo Banco Central Europeu (BCE).

Longe de ser uma "união igualitária de países", que permitiria "o progresso e o bem-estar de seus povos", a UE nasceu com dois objetivos muito claros. O primeiro era defender um "espaço imperialista próprio", para fazer frente aos EUA. O segundo era somar as forças destas burguesias imperialistas para atacar e começar a liquidar as conquistas sociais do chamado "Estado do bem-estar social", conseguidas pelos trabalhadores europeus, depois da II Guerra Mundial. Naquela ocasião, os capitalistas viram-se forçados a fazer grandes concessões, diante o risco do avanço da revolução socialista.

UMA UNIÃO DE DESIGUAIS

Na UE e na zona do euro juntaram-se países com desenvolvimento econômico e produtivo muito desiguais (por exemplo, Alemanha e Grécia). Seus grandes beneficiários foram as principais potências (Alemanha e França), especialmente suas grandes empresas e bancos, que puderam expandir, sem grandes limitações, seus negócios e investimentos.

Os países mais débeis, como Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha, sofreram um forte processo de desindustrialização (com o desaparecimento ou com a redução extrema de setores como a siderurgia ou o naval); redução dos setores agrícolas "não competitivos" (que agora deveriam competir com os agricultores da Alemanha e França, que recebem enormes subsídios dos seus governos), além da penetração e domínio crescentes de seus mercados bancários e financeiros.

Durante o último período de auge da economia mundial (2002-2007), este processo foi dissimulado pelos rendimentos que os países mais débeis recebiam através do turismo, comércio e o transporte, e com o desenvolvimento da construção. O circuito econômico acumulava contradições, mas ainda "fechava". A economia espanhola, ajudada pelo rendimento de seus investimentos na América Latina, viveu um período de auge. Mas a crise cortou esse circuito, em grande parte fictício, e as contradições explodiram.

Esta relação de domínio dos países imperialistas mais fortes sobre os mais débeis não é algo novo na história. Em seu conhecido livro sobre o imperialismo, Lênin já assinalava, por exemplo, que Portugal era ao mesmo tempo uma potência colonial e um país totalmente dependente da Inglaterra. A criação da UE e da zona do euro aprofundaram este tipo de relações e, com a crise, estão levando-as a novos limites. ■

A crise das dívidas públicas

A crise econômica internacional afetou a economia europeia de conjunto e diminuiu os rendimentos em euros dos países mais débeis. Os estados começaram a se endividar por meio dos recursos dos bancos e para enfrentar o pagamento das dívidas públicas que aumentavam aceleradamente em cada refinanciamento. O custo deste refinanciamento era cada vez mais alto, pois as agências de análise de risco qualificavam as dívidas de forma cada vez pior. Mas o endividamento perdeu o controle quando os governos despejaram bilhões para salvar os bancos a beira da falência.

Chegou-se assim às situações de "default": isto é, de impossibilidade dos Estados nacionais enfrentarem suas dívidas. Com isso, surgiram os chamados "pacotes de ajuda", por parte da UE e do Fundo Monetário Internacional (FMI), para cobrir o "saldo negativo" e impedir a quebra.

A "ajuda", porém, é acompanhada de duríssimas exigências e planos de ajuste que reduzem salários e as pensões das aposentadorias, aumento dos impostos à população, ataques à saúde e à educação pública, privatizações etc. Em resposta começou uma luta dos povos contra essas medidas, aumentando ainda mais a "instabilidade" para a burguesia.

A SEGUNDA CRISE DO EURO

A crise grega e sua evolução não são processos que afetem apenas esse país. Nem sequer é uma crise que se limite ao que pejorativamente a mídia inglesa chama de PIGS (leia o box na outra página). A revista britânica "The Economist", analisando a crise grega, define uma "segunda onda de crise do euro", desde 2008, porque este país é a parte mais visível de uma crise continental. Ou seja, na Grécia, está se decidindo a sorte do sistema euro que levou mais de 50 anos para ser construído pela burguesia imperialista europeia. ■

PAUL HANNA

SERGIO PEREZ

Uma crise européia

Trata-se de uma "crise européia" por três razões. A primeira é a rigidez do sistema monetário conjunto. A existência de uma moeda e uma autoridade internacional comum faz com que os países membros da zona do euro não possam ter uma política monetária capitalista própria (como uma forte desvalorização de sua moeda nacional, por exemplo) sem romper com o euro. Ao mesmo tempo, todas as medidas "anticrise" da autoridade monetária europeia representam, na prática, uma "intervenção" e uma imposição sobre os países afetados.

A crise dos países membros, ainda que afete os mais débeis, transforma-se em uma crise do euro em seu conjunto. O sistema financeiro grego é, hoje, controlado por capitais estrangeiros, principalmente alemães, franceses e norte-americanos. Em outras palavras, uma quebra do Estado e do sistema financeiro gregos (ao estilo da Argentina, em 2001) teria gravíssimas consequências no sistema financeiro europeu e mundial.

A corrente imperialista ameaça arrebentar em seu elo mais frágil. Mas a crise fiscal e econômica avança em países maiores como Espanha e Itália, que acaba de sofrer um ataque especulativo respondido pelo governo Berlusconi por meio de um plano duríssimo de ataque, votado em unidade total com a oposição no parlamento. Inclusive, potências bem mais fortes, como a Grã-Bretanha e França, se vêem obrigadas a aplicar planos de "austeridade". Se o "elo mais frágil" romper na Grécia, seu efeito se expandirá para os demais elos da União Europeia. Segundo palavras de um ex-prêmio Nobel de Economia, o norte-americano Paul Krugman, a queda do euro seria "uma catástrofe" para a economia e para as finanças mundiais.

O PACTO DO EURO

Mas as burguesias europeias, especialmente as da Alemanha e França, estão dispostas a defender até o final o euro e seu espaço imperialista. No dia 27 de junho foi ratificado em Bruxelas, sede da EU, o chamado "Pacto do Euro", um texto assinado pelos 17 chefes de governo da zona do euro para "responder à crise e aumentar a competitividade da Europa".

Mas, para fazê-lo, serão obrigados a aprofundar ainda mais seus ataques. Terão que sujeitar os países mais débeis, impondo-lhes, junto com a "ajuda financeira", medidas e condições de controle similares às impostas na América Latina nas décadas de 1980 e 1990. Por exemplo, o presidente do Eurogrupo, Jean-Claude Juncker, tem dito explicitamente que Grécia terá sua soberania "enormemente limitada" com o plano de ajuste que aprovou para desbloquear as ajudas da UE e do FMI.

Em segundo lugar, deverão atacar cada vez mais as conquistas, as condições de vida e os direitos dos trabalhadores. Neste aspecto, a Grécia é a ponta de lança dos planos de ajuste que se aplicam em todo o continente. Hoje, o sistema capitalista imperialista já não pode garantir a manutenção de nenhuma destas conquistas (convênios salariais, condições trabalhistas, aposentadorias dignas, saúde e educação públicas de qualidade) e precisa destruí-las para defender seus lucros e jogar o custo da crise nas costas dos trabalhadores e do povo.

AS CONTRADIÇÕES INTERIMPERIALISTAS

Os bancos, duplamente responsáveis pela atual situação, são os que mais exigem sacrifícios dos países débeis e dos povos europeus. Mas isto começa a provocar divisões nas burguesias imperialistas europeias.

Enquanto a cúpula da UE e do Banco Central Europeu (BCE) defendem a postura dos bancos, a premier alemã Ángela Merkel apresentou a posição de que os bancos se responsabilizem por uma parte do custo dos "pacotes de ajuda" - destinados em última instância, a "salvá-los". Assim, busca-se atenuar um pouco seu impacto popular. Merkel expressa seguramente a dupla pressão da burguesia industrial alemã, que quer evitar uma nova recessão e dar saída a suas exportações. Além disso, serve com satisfação ao eleitorado alemão, que se opõe que o Estado contribua com estes pacotes de ajuda. Ao mesmo tempo, teme também as reações populares que estes pacotes podem provocar. Os governos da França e Espanha aliaram-se com as posições mais duras do BCE e possivelmente refletem o compromisso estreito de seus principais bancos com as dívidas dos "PIGS". Em qualquer caso, estas divisões agregam mais instabilidade a uma situação já, por si só, explosiva.

A crise se acelera

A burguesia dos países mais débeis, como a grega, está disposta a aceitar essas condições humilhantes para defender os lucros que recebem da exploração dos trabalhadores, ainda que isso represente um claro retrocesso de seus países e a obrigação de atacar os direitos dos trabalhadores.

Nenhum país europeu está em boa posição para "socorrer" outro. Depois da Grécia, esperam em fila Portugal, Irlanda, Espanha, Itália, Inglaterra... Já foi gasta quase toda a munição de apoio estatal em 2008-2009. Os próprios EUA sofrem com sua própria crise econômica e política, e seu risco de default. Algo inimaginável no passado.

Mas se as burguesias aceitam a se sujeitar, os trabalhadores e o povo não parecem dispostos fazê-lo. No caso grego, a resistência faz mais de dois anos e toma um caráter heróico: mais de uma dúzia de greves gerais, às quais se somam também a ocupação de praças, ao estilo egípcio ou espanhol.

Mas, se os trabalhadores e o povo grego estão na vanguarda, fica claro que a resistência começa a se estender por todo o continente. Já vimos a luta dos trabalhadores e da juventude da França contra Sarkozy, em 2010; as mobilizações da "geração à rasca", em Portugal; os indignados espanhóis; a poderosa greve geral de funcionários públicos e docentes na Inglaterra. Essa luta produz desgaste e crise nos governos que aplicam os planos, sejam de direita ou de "esquerda". Na medida em que a luta se mantém, são os próprios regimes que começam a entrar em crise, ao se esgotarem as mediações políticas que tratam da desviar e frear as lutas. Na Grécia, há o desgaste acelerado do governo do social-democrata PASOK (Partido Socialista), sem que a direita (Nova Democracia) se recupere de sua derrota eleitoral de 2009. E os deputados de ambos partidos tiveram que ser protegidos por vários cordões policiais quando votaram o último pacote. Um desgaste dos regimes que também começa a se expressar quando os jovens de Portugal e da Espanha reivindicam "democracia real" e denunciam a profunda ligação desses regimes políticos e seus partidos com a burguesia imperialista.

Há desigualdades. A situação não é a mesma na Grécia e na Alemanha, onde o proletariado mais poderoso da Europa ainda não entrou em cena, pese a existência de grandes mobilizações contra as usinas nucleares, e o fato que o governo de Merkel também sofre as consequências da crise europeia, com a queda de seu prestígio político.

Em outras palavras, as burguesias europeias devem aplicar os piores planos de ajuste e realizar os mais duros ataques em décadas, mas não em um cenário de tranquilidade, mas enfrentando forte resistência e crescentes crises políticas.

POLIVIOS PANAGIOTIDES

Qual é a saída?

Apesar de uma resistência cada vez mais forte contra os planos de ajuste, especialmente na Grécia, os trabalhadores e os jovens europeus não vislumbram uma saída para a crise. Isto é assim porque as direções sindicais burocráticas e políticas dos trabalhadores, inclusive quando se veem obrigadas a chamar a greves gerais e mobilizações, impedem a realização de verdadeiros planos de luta que enfrentem os planos de ajuste e derrote os governos que os aplicam. Uma luta que deve ter como perspectiva a criação de governos operários e populares que apliquem programas ao serviço dos trabalhadores e do povo, e não dos banqueiros. Além disso, essas direções dividem a luta país a país e, assim, a debilitam.

DIREÇÕES

Essa política das direções majoritárias dos trabalhadores acaba por defender a UE e a zona do euro. Uma posição que é compartilhada por outras correntes localizadas mais à esquerda, como o Bloco de Esquerda (BE) de Portugal, para quem se trata de criar, dentro da UE, "alternativas para políticas de criação de emprego e de decisão democrática contra a especulação financeira" e elaborar um "programa viável de luta" por uma "nova arquitetura da UE". Em outras palavras, trata-se de "reformar" a UE, para torná-la mais "humana".

Todas essas correntes fazem coro com a burguesia imperialista. Dizem aos trabalhadores, aberta ou implicitamente, que se os planos de ajuste e suas consequências são uma "medicina amarga", mas muito pior seria sair da UE ou do euro.

VERDADEIRA FACE

A crise capitalista tem obrigado à UE a mostrar sua verdadeira face: uma construção ao serviço do imperialismo alemão (e, ao seu lado, o francês), em benefício de seus bancos e das multinacionais, submetendo ferreamente países como Grécia, Portugal, Irlanda ou Espanha, e atacando duramente todos os trabalhadores do continente. Já não há margens para o discurso demagógico do "modelo social europeu", nem para "jogos democráticos" sobre quem e onde se decidem os planos de ajuste. Não existe nenhuma possibilidade de "reformar" a UE para torná-la "mais humana", como não há modo de fazer o mesmo com o capitalismo imperialista de conjunto.

Por isso, Grécia, Portugal e Irlanda só poderão se salvar da catástrofe se declararem o não reconhecimento de sua dívida pública, romperem com a UE e adotarem medidas drásticas como a expropriação dos bancos, a nacionalização das empresas estratégicas sob o controle dos trabalhadores, escala móvel de horas para trabalhadores e o estabelecimento do monopólio do comércio exterior. Um programa que, em um futuro cada vez mais próximo, também estará proposto para outros países, como Espanha e Itália.

A LIT-QI é plenamente consciente de que os problemas da Grécia, Portugal e Irlanda não terão solução de modo isolado. Por isso, nossa proposta não significa a volta ao velho isolamento "nacional" capitalista, nem de suas moedas, como propõem diversas correntes de direita no continente.

À Europa do capital, representada pela UE e pela zona do euro, nossa proposta é a luta do conjunto dos trabalhadores do continente para conseguir sua própria unidade e uma saída operária e popular, na perspectiva da construção dos Estados Unidos Socialistas da Europa.

Esta é uma tarefa imensa, mas imprescindível, que deve ser acompanhada com urgência, no processo vivo das lutas, no surgimento e na construção de novas direções sindicais e políticas, baseadas na independência de classe do movimento operário em relação a todas as variantes da burguesia e de seus governos.

O que é ?

PIGS - Pejorativo originalmente usado na imprensa de língua inglesa, para designar o conjunto das economias de Portugal, Itália, Grécia e Espanha (Spain em inglês). Em inglês a palavra significa "porcos".

Juventude chilena: ocupando seu lugar na história

CLARA SARAIVA*, da ANEL, Assembleia Nacional dos Estudantes - Livre!

De um lado, o governo Piñera. Mudanças em 8 ministérios, popularidade cada vez mais baixa, repressão cada vez maior. Do outro, os estudantes "en lucha". Centenas de universidades e colégios ocupados, protestos muito irreverentes, apoio cada vez mais ativo dos pais e mães, professores, trabalhadores mineiros, da saúde, dos transportes. Assim está o Chile: um cabo de guerra, no qual, ainda não se sabe, de que lado a corda vai arrebentar.

O fortalecimento dos protestos estudantis tem tomado o país. Claramente influenciado pela Revolução Árabe e protestos da Europa, o movimento tem se radicalizado e ampliado suas forças. Reivindica especialmente a educação gratuita, que o Chile está longe de garantir, com universidades públicas que cobram anuidades de até 10 mil reais e onde, a cada 10 estudantes, 7 estudam na rede privada.

"LUCHIN"

Protesto chileno conta com presença da ANEL.

TAXAS

O grau de privatização e desigualdade na educação é gritante. Todas as universidades públicas cobram taxas, e as famílias, em média, financiam mais de 80% das despesas com as universidades, quando o Estado concede apenas 15%. É investido apenas 3,1% do PIB em educação, e apenas 1,7% no ensino superior. Os créditos têm juros altíssimos, chegando-se a se pagar até 13 milhões de pesos (cerca de R$ 4.420) a mais do custo real do curso, resultando em muitos endividados e 65% de abandono.

No dia 5 de julho, o presidente Sebastian Piñera fez uma declaração em cadeia nacional propondo o GANE: "Gran Acuerdo Nacional por la Educación". Trata-se de um plano que prevê uma série de medidas, principalmente uma ampliação de 4 bilhões de dólares para a educação, no sistema atual de investimento indireto para o setor. De acordo com as federações estudantis, essa proposta não passa do "mais do mesmo" e se preocupam com uma mudança estrutural no sistema de ensino chileno.

EDUCAÇÃO NÃO É MERCADORIA

Participei de algumas reuniões estudantis e uma entrevista com eles na Rádio Comunitária "1º de maio". Discutiam a importância da educação como um direito, pondo um fim à cobrança de taxas e à lógica da educação-mercadoria, que faz deste o 3º setor mais lucrativo do Chile. Para isso, propõe a gratuidade e a estatização da educação, a partir da re-nacionalização do cobre e da realização de uma Assembléia Constituinte. Disseram-me: "Se o governo não concorda, que faça um plebiscito oficial para a população decidir".

La educación chilena no se vende se DEFIENDE

CLARA SARAIVA

CRISE DO GOVERNO

Há uma forte tentativa do governo de desmontar as ocupações e protestos e sentar à mesa para negociar. Hoje, se encontra numa importante crise política, e pesquisas já demonstram que os protestos juvenis têm simpatia de mais de 80% da população. A mudança dos ministros, especialmente a substituição, na pasta da Educação, de Joaquín Lavín – bastante desmoralizado nos protestos, que sempre cantam "quien no salta es Lavín" e todos pulam juntos – por Felipe Bulnes, antigo ministro da Justiça, foi uma tentativa de acalmar o movimento. A divulgação do projeto GANE representou também uma busca por ganhar a simpatia da população, e trazer a imagem de que está disposto ao diálogo e que os estudantes estão sendo intransigentes. Mas, para a infelicidade do governo, enquanto não tocar nos problemas estruturais da educação, o movimento estudantil não parece estar disposto a trocar as mobilizações pelas reuniões de gabinete, e devem seguir pressionando nas ruas.

Após o anúncio da proposta do governo, entidades sindicais e estudantis, como a CONFECH (Confederação dos Estudantes Chilenos), chamaram um protesto nacional para o dia 14 de julho. Em Valparaíso, participei da manifestação que reuniu mais de 30 mil, e fiquei impressionada com a criatividade e empolgação da juventude. E, por outro lado, com a truculência da repressão policial.

APOIO DOS TRABALHADORES

O movimento estudantil tem trazido os trabalhadores para as manifestações. Os professores e funcionários da educação estão em greve, e já se fala da possibilidade de perder o ano letivo, se os protestos seguirem pelo mês de agosto. Funcionários públicos da saúde e dos transportes também têm aderido aos protestos.

Há um destaque natural, entretanto, à luta dos trabalhadores mineiros. No dia que cheguei no Chile, 11 de julho, organizaram uma greve geral de 24 horas, algo que não ocorria há 18 anos, da empresa estatal Codelco, que reúne cerca de 15 mil trabalhadores. Estima-se que os prejuízos chegaram a 40 milhões de dólares. Os trabalhadores terceirizados também, em pelo menos quatro minas, se encontram em greve. No ato em Valparaíso havia uma coluna de 20 caminhões enormes, do porto, todos cheios de cartazes, buzinando em apoio à luta. A adesão se dá principalmente à forte campanha pela nacionalização do cobre, que tem uma banquinha permanente na Plaza Itália distribuindo bottons e angariando assinaturas no abaixo-assinado – que já conta com a assinatura da ANEL. O Chile é o maior produtor de cobre do mundo. Se essa importante riqueza natural do país fosse revertida para a educação, seria possível garantir o acesso à universidade e às escolas gratuitas e de qualidade a toda a população.

Sobre os próximos capítulos da luta dos estudantes e trabalhadores chilenos, só a história poderá contar. Há um desejo e uma força de seguir em frente, até a vitória. O apoio das entidades e organizações brasileiras é fundamental, já que os planos do imperialismo para o conjunto da América Latina são os mesmos. E com as esperanças e incentivos vindos daqueles que lutam contra ditaduras e planos de austeridade, há um fato inquestionável: a juventude chilena está fazendo história. ■

* enviada pela ANEL ao Chile.